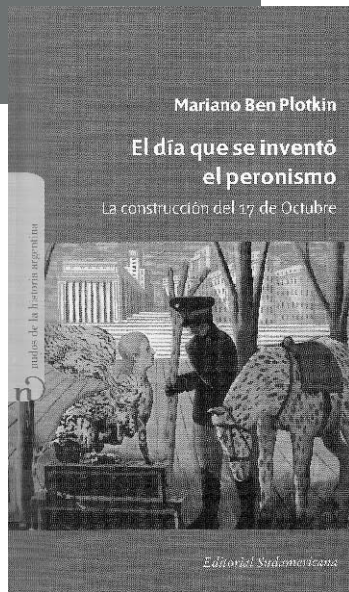


## La Libertadora: de Perón a Frondizi, 1955-1958, Historia pública y secreta

Buenos Aires: Sudamericana, 2007. (479 p.)

María Sáenz Quesada



## El día que se inventó el peronismo. La construcción del 17 de Octubre

Buenos Aires: Sudamericana, 2007. (217 p.)

Mariano Ben Plotkin

---

### Luiz Eduardo Simões de Souza<sup>1</sup>

Toda nação tem seus impasses históricos colocados de maneira mais ou menos evidente. Por “impasse histórico” podemos definir uma questão que não possa ser exposta sem um juízo realizado *a priori* sobre a mesma.

O caso do peronismo na Argentina é exemplar nesse sentido: as inú-

meras tentativas de análise do fenômeno que transformaria a sociedade, a política e a economia do país, realizadas nos últimos 60 anos, esbarraram invariavelmente – com diferenças de intensidade e clareza – na posição favorável ou desfavorável à figura de Perón adotada por seus analistas. Mesmo que estes prometam uma análise “plural”, valorizando “todos os lados da questão” e “os fatos, acima de tudo”, o juízo de valor do autor acerca do líder político mais importante e influente da história argentina termina por prevalecer e dar o tom da obra, por mais “isenta” que esta se proponha a ser.

Duas obras recentes sobre o tema – *La Libertadora: de Perón a Frondizi*, de María Sáenz Quesada, e *El día que se inventó el peronismo*, de Mariano Ben Plotkin – engrossam o conjunto de ideias exposto acima. Propondo releituras de superação do impasse historiográfico estabelecido pela disparidade de interpretações, ambos os trabalhos terminam por ocupar – não sem méritos pontuais – cada um seu espaço definido no conjunto de versões.

Ambos os livros se situam no período definido por Luis Romero como “El Empate” (1948-1976)<sup>2</sup>, em que, via de regra, governos populares chefiados pelo próprio Perón ou por políticos de orientação peronista alternaram-se com governos de viés ditatorial, marcadamente antiperonistas. O livro de María Saénz Quesada aborda o regime instaurado após a crise política criada pelas forças antiperonistas em meados da década de 1950, até sua derrocada por via democrática, em 1958, com a eleição do peronista Arturo Frondizi. O livro de Mariano Ben Plotkin é centrado, por sua vez, na constituição da mística da fundação do peronismo como movimento, quais sejam suas raízes trabalhistas, em 17 de Outubro de 1945, data que foi festejada ou ignorada durante o período do “Empate”, dependendo do peronismo ou antiperonismo sentado à cadeira principal da Casa Rosada.

Um mérito da obra de Quesada sobre os golpistas de 1955 é o esclarecimento de que estes não tinham projeto algum que não fosse a retirada do peronismo do poder naquilo que ele representava de mais nocivo a seus interesses originários de classe, isto é, sua proximidade com os interesses dos trabalhadores. Eficientes na desestabilização interna e externa do governo de Perón, indispondo-o tanto com os aliados vitoriosos da Segunda Guerra Mundial quanto com a Igreja Católica tradicional, as forças que derrubaram Perón não tinham um projeto real para a Argentina, preferindo esconder-se no escapismo de um passado primário-exportador que não era mais viável.

Por mais que se questione o projeto industrialista de Perón, é inegável a contraposição entre os saltos de crescimento e desenvolvimento econômico dados durante os governos peronistas e a estagnação e formação de gargalos produtivos e distributivos de renda ocorridos durante os governos antiperonistas. Ainda que o projeto peronista de desenvolvimento seja algo difuso e

passível de crítica, não é possível colocá-lo em paralelo com qualquer projeto alternativo na Argentina do Empate. Justamente porque essa não foi, em nenhum momento, a preocupação das forças políticas primariamente opostas ao peronismo. Quesada, nesse sentido, é bastante feliz na identificação desse comportamento do antiperonismo, que conduziria seus governos a um mero *vaudeville* político por espaço na gestão do Estado. O passeio de nomes, patentes, fardas e burocratas que dão a tonalidade do movimento golpista, parece um tanto quanto memorialista, e até ocioso, para quem busca ideias que se acrescentem à massa crítica do debate. Ao mostrarem-se as forças antiperonistas como “articuladas” em oposição a um Perón que, do exílio, estreitava suas relações com o movimento sindical, incorre-se numa comparação assimétrica muito característica do debate sobre o peronismo, da qual a obra, infelizmente, não foge.

A obra de Plotkin aborda a origem “mítica” do peronismo. Dentre todas as origens do peronismo – militar, oportunística, demagógica – a fundação no seio do movimento operário é, ao mesmo tempo, a menos referente e a que é maior objeto de pechas negativas ao longo da historiografia sobre o peronismo desenvolvida ao longo da segunda metade do século XX. O trabalho proposto por Plotkin segue a tradição dos estudos realizados nos EUA sobre a Argentina, qual seja a apresentação da relação entre Perón e os trabalhadores como sendo meramente utilitária, interesseira, desprovida de qualquer projeto político mais amplo do que a tomada do poder. A isso, o bom senso e a observação dos fatos contrapõem as seguintes perguntas: 1) qual relação entre forças e/ou agentes políticos seria totalmente “altruísta”? e 2) por que a aliança entre Perón e o movimento sindical teve uma consistência reconhecidamente maior do que a constituição dos partidos de esquerda na Argentina, posto que a simbiose entre estes e o movimento sindical sempre se deu no sentido de tornar mais robustos os últimos, e nunca o contrário?

Tais questões colocam a obra de Plotkin na categoria das que mais mistificam do que desmistificam aspectos do debate sobre o peronismo. De toda forma, o aprofundamento no estudo das relações de Perón com o movimento operário argentino é um mérito da obra, que fornece informações pontuais preciosas ao pesquisador, que colocam o 17 de outubro de 1945 na categoria dos eventos míticos, que formam instituições. Das quais, na história da Argentina, o peronismo é uma que certamente receberá, no futuro, tratamento analítico comparável ao dado pelo cientista político Juan Carlos Torre. Ainda que não tenha sido o caso dessas duas obras, elas merecem a leitura pelas informações e pelo enriquecimento do debate.

Por fim, seria inevitável trazer a questão para o paralelo com nosso país. Há um elemento de identidade de certa vertente da esquerda brasileira com a

argentina, que se manifesta em uma postura “crítica” em relação à dinâmica política do poder com as massas, na qual a análise do “populismo” no Brasil termina por apresentar nuances um pouco mais pálidas do que o antiperonismo argentino. Parece existir certo preconceito de classe por trás desse “vanguardismo” dessas nossas esquerdas, que, ao engrossar o coro contra políticas de renda mínima, ao defender políticas fiscais encolhedoras do único agente efetivo de investimentos para o desenvolvimento (o Estado, só para lembrar), e ao entrar no discurso falso-moralista da democracia burguesa, terminam por fazer o “jogo da direita”. Esse tipo de burrice crônica, infelizmente, parece grassar ainda no meio, sem perspectiva de superação. Ainda esperamos por uma época em que uma esquerda organizada tenha mais a aprender (e a superar, como alternativa) com o modelo populista do que simplesmente negá-lo *a priori*.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Pesquisador do Núcleo de Economia Política e História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (NEPHE). Professor do Departamento de História da Univale (Universidade do Vale do Rio Doce – Minas Gerais). Contato do autor: luizedu@hotmail.com.

<sup>2</sup> ROMERO, J. *Historia Contemporánea de Argentina*. 6ª. ed. , Buenos Aires: Eudeba, 1992.